



O Bojador



in Visão, 11 de Maio de 2000

Sophia de Mello Breyner Andresen

Para os Professores de História e de Português do meu País

1º Quadro

Promontório de Sagres. Cenário esquemático e sem realismo mas com cores puras e vivas como um desenho de criança.

Ao fundo, sozinho, voltado para o mar, vestido de escuro (única cor sombria no meio das cores claras), de costas para a cena, para os outros personagens e para o público, o Infante.

Está sentado numa pedra, ligeiramente curvado para a frente, com o queixo apoiado na mão direita e o cotovelo apoiado no joelho direito; o pé direito avança à frente do outro pé. O Infante está no fundo da cena mas um pouco à esquerda e ligeiramente voltado para a direita.

No primeiro plano, mesmo à boca de cena, falam e movem-se os outros personagens.

Entre eles e o Infante está um vazio.

Há portanto na cena três planos que devem ser nitidamente desenhados.

Entra uma mulher com uma criança (que é um rapazinho de sete anos)

Criança (apontando com o dedo o Infante)

- Mãe, O Infante, o que é que ele está ali a fazer, sozinho, a olhar para o mar?

Mulher

- Está a ver.

Criança

- Mas não se vê nada. É só mar.

Mulher

- Ele vê melhor do que nós.

Criança

- Ah!? Eu pensava que ele não via. No outro dia encontrei-o no caminho e disse: "Bom dia, meu Senhor". Mas ele não me viu.

Mulher

- Ele vê bem o que está longe.

(Enquanto acabam de falar entra um velho com barbas compridas e brancas.)

Velho

- Era melhor que visse o que está perto. Já todos murmuram e muitos já troçam. Há doze anos, há doze anos que o Infante D. Henrique manda os seus barcos em busca deste cabo. E já a gente do povo e os próprios nobres falam deste Infante com muito escárnio porque de todas as suas navegações, trabalhos, estudos e despesas nunca lhe virá senão desgraça sem nenhum proveito. Pois que há no mar? Distância, solidão, nevoeiro, abismos, temporais, sede, fome, naufrágios, morte. Em breve o Reino estará cheio de crianças órfãs e de mulheres viúvas. Do mar não vem nem glória nem proveito.

(Entra um rapaz de vinte anos que ouve a última frase.)

Rapaz

- Tens a certeza, Velho?

Velho

- Todos os anos ele manda para Sul as suas Barcas. E diz aos capitães: "Ide mais longe.". Mas já ninguém pode ir mais longe.

Rapaz

- Tens a certeza, Velho?

Velho

- Gregos e Romanos, Antigos e Modernos, Mouros e Cristãos, nunca ninguém passou além do Bojador.

Criança

- Onde é o Bojador?

Velho *(sentando-se numa pedra e apontando vagamente para o mar)*

- Além, ao Sul, na costa de África, no mar.

Criança

- E não se pode ir além do Bojador?

Velho

- Não.

Criança

- Porquê?

Velho

- Porque é ali que acaba o Mundo. Do outro lado do Cabo, o calor é tanto que as águas fervem e se transformam em lama. É ali que começa o mar Tenebroso. O ar está cheio de nevoeiros negros. Não se vê a luz do Sol. E as ondas de lodo estão cheias de grandes monstros marinhos.

Rapaz

- Isso são lendas inventadas pelo medo dos Mouros.

Velho

- Mas também nos livros antigos de Ptolomeu e nos livros dos Romanos está escrito que ninguém pode passar além do Bojador.

Rapaz

- Isso dizem os Antigos. Temos que ir nós próprios saber o que é verdade.

Velho

- Mas, que diz a experiência dos mareantes das Espanhas? Que dizem todos os navegadores? Dizem que o próprio Deus pôs aquele Cabo como limite às navegações dos homens. Por isso o rodeou de ventos e tempestades. E do outro lado do Cabo é tal a procela, tal a fúria das águas, tal a força das correntes, que barco que ali chegue logo será devorado pelos abismos do mar.

Rapaz

- Velho, e eu digo-te isto: Gil Eanes, com a sua barca, passará além do Bojador.

Mulher

- Então por que recuaram eles, no ano passado?

Velho

- Porque havia a bordo homens de experiência e juízo que não quiseram avançar para a morte certa.

Rapaz

- Porque pararam primeiro nas Canárias e gente dessa ilha lhe contou velhas histórias fantásticas e mentirosas.

Mulher

- Dizem que o Infante repreendeu muito Gil Eanes.

Rapaz

- O Infante repreendeu-o por ele ter recuado em frente de umas lendas boas para assustar crianças.

Criança

- E que fez Gil Eanes?

Rapaz

- Este ano partiu outra vez.

Mulher

- E dizem que à partida jurou que só voltaria a Portugal quando tivesse dobrado o Cabo.

Velho

- E por causa dessa promessa ele nunca voltará a Portugal. Há já muito tempo que partiram. Com certeza Gil Eanes já cumpriu a sua palavra. E esta hora já ele dobrou o Cabo. E já as ondas de lodo engoliram a sua barca e já as serpentes verdes do Tenebroso o comeram, a ele e aos seus homens. Fez-se a vontade do Infante. Mas Gil Eanes nunca voltará a Portugal. **(O velho levanta-se e dá um passo em frente)**. Nunca ninguém voltou do Bojador.

Criança (puxando a saia da mãe e apontando o mar, com o braço estendido)

- Mãe, mãe, olha, além no mar, toda branca, uma barca. Vem uma barca no mar.

Rapaz (*dá uns passos em frente e olha o mar*)

- É Gil Eanes. Voltou.

(*Cai o pano.*)

2º Quadro

Sala em casa do Infante. O cenário é um pano de fundo que representa uma parede branca com uma janela. No meio da cena, à direita, uma cadeira. À esquerda, uma mesa e uma cadeira postas de forma a que a pessoa ali sentada fique de perfil para o público.

(*O escrivão sentado em frente da mesa, o pajem à janela.*)

Escrivão

- Já vês chegar alguém?

Pajem

- Ainda ninguém passou na curva do caminho. Mas não devem tardar. O Infante mandou recado a Gil Eanes para ele montar a cavalo e vir aqui, mal desembarcasse.

Escrivão

- Estes homens de D. Henrique nunca param e nunca descansam. Mal descem do navio logo montam no cavalo. E eu também nunca descanso. Já me doem os dedos de tanto escrever.

Pajem (*que se aproximou da mesa*)

- Mas tens uma pena muito bonita.

Escrivão

- Trouxeram-ma da Flandres.

Pajem

- E a tinta é linda, também.

Escrivão

- Veio do Egpto.

Pajem

- E o papel é tão grosso e tão macio que parece veludo.

Escrivão

- Veio de Veneza.

Pajem

- Nesta corte do Infante há homens e coisas vindas das sete partidas do Mundo.

Escrivão

- Ele e seu irmão, D. Pedro, sempre sonharam com distâncias e viagens.

Pajem (correndo para a janela)

- Oiço barulho. *(debruça-se da janela)*. É Gil Eanes.

Escrivão

- Vai depressa dizer ao Infante que Gil Eanes chegou.

(O Pajem sai pela direita.)

Escrivão (sozinho, falando com as coisas que estão em cima da mesa)

- Pena da Flandres, tinta do Egpto, papel de Veneza, vamos escrever grandes notícias.

(Pela direita entra o Infante. Pela esquerda entra outro Pajem.)

2º Pajem

- Meu senhor, Gil Eanes chegou.

O Infante

- Manda-o entrar.

(Sai o Pajem e logo entra Gil Eanes. O seu fato está roto e desbotado. Vê-se que vem directamente de bordo. Traz nas mãos um ramo de flores secas.)

O Infante

- O Cabo...

Gil Eanes

- Dobrámos o Cabo, meu Senhor.

O Infante

- Deus seja bendito, porque nos mostra a grandeza da Sua obra. Obrigado Gil Eanes, porque me trazes grandes notícias.

Gil Eanes

- O Mundo não é como dizem os livros, nem como contam as lendas dos Mouros.

O Infante

- A verdade do Mundo estava encoberta à nossa espera.

Gil Eanes

- Ao longe, no horizonte, vimos surgir o Cabo. O mar estava sereno e navegámos com bom vento. Sem nenhum perigo rondámos o Bojador. E não vimos o mar Tenebroso. Pois não havia ali nem nevoeiros negros, nem ondas ferventes, nem pântanos de lama. Havia uma grande terra deserta e vazia, coberta de luz. Mandeï ancorar a barca e fui à praia num batel. E pisámos as areias virgens. Em terra não vi homens, nem animais, nem árvores. Vi um deserto sem fim onde cresciam plantas rasteiras. E porque, Senhor, me pareceu que devia trazer algum sinal de terra, pois que em ela saía, apanhei estas ervas que apresento a Vossa Mercê, as quais nós neste reino chamamos rosas de Santa Maria.

(Gil Eanes entrega as flores secas.)

O Infante

- Pajem (***Senta-se na cadeira do meio.***)

Pajem

- Meu Senhor.

O Infante

- Vai dizer que aparelhem já um cavalo, pois agora mesmo quero mandar uma carta.

Pajem

- Sim, meu Senhor.

(Sai o Pajem.)

O Infante (com as flores nas mãos)

- Obrigado, Gil Eanes. Eu te agradeço estas flores da terra despovoada. Elas são o primeiro perfume da África desconhecida e virgem. Valem mais para mim do que ouro, diamantes e pérolas. Em breve me contarás tudo: as marés, as correntes, os nevoeiros, os areais e os rochedos, a tua rota e o vento. Mas espera um pouco porque primeiro tenho de ditar uma carta. Escrivão! (voltou-se para o escrivão.).

Escrivão

- Meu Senhor.

O Infante

- Escreve.

Escrivão

- Para quem é a carta, meu Senhor?

O Infante

- Para o meu irmão D. Pedro.

Escrivão (escrevendo)

- Carta do Infante D. Henrique de Portugal a seu irmão o Infante D. Pedro de Portugal.

O Infante (ditando devagar, e parando um instante no fim de cada período)

- Meu muito amado irmão.

Primeiro que a ninguém vos quero dar esta notícia. Pois esta obra de navegação antes de ser obra foi ideia. E a ideia foi vossa e minha.

Juntos, na nossa juventude, ambos pensámos esta grande empresa: mandar barcos para o mar para saber o que havia.

Por isso agora acaba de chegar aqui Gil Eanes, que dobrou o cabo Bojador. E do outro lado do Cabo não encontrou nem temporal desencadeado, nem correntes irresistíveis, nem vagas de lama, nem nevoeiros negros. Encontrou o mar aberto e livre à sua frente e encontrou uma terra luminosa e nua.

Aqui termina a lenda do Tenebroso. Fomos além do medo, das lendas e da ciência dos Antigos. Dobrámos o Cabo onde acabava o mundo. Aqui terminam as eras antigas e começa uma idade nova.

Amanhã mesmo irei a Sintra, à corte, levar esta notícia a nosso irmão el-rei D. Duarte. Mas logo em seguida regressarei a Sagres. Porque muitos estudos e trabalhos me prendem aqui, junto dos meus capitães e marinheiros, junto de meus matemáticos, meus geógrafos, meus astrónomos e meus cartógrafos. Porque procuro as coisas encobertas. E o mar novo é o meu rumo que sem descanso busco. E aqui em Sagres, à proa de Portugal, eu sou como o capitão à proa de seu barco. E a minha ciência não é uma ciência antiga que se aprende nos livros das eras passadas, mas sim descobrimento e saber novo que se aprende na distância e no vento, nas estrelas do céu e nas ondas do mar.

Em breve iremos mais longe.

Escrito em 1961, para as filhas, que frequentavam o 3º ano do liceu no Colégio das Irmãs Dominicanas